

Atendimento Terapêutico Uma Breve Reflexão

Murillo Penna Firme ()*

Tendo vivenciado durante quase trinta anos de minha existência diversas abordagens analíticas, iniciando-se pela psicanálise freudiana e prosseguindo pela bioenergética, pelas técnicas reichianas e finalmente pela hipnose, descobri ao longo deste percurso, embora árduo, porém muito instigante, que existem algumas condições as quais devem ser observadas pelo indivíduo para que ele possa se considerar um terapeuta e que não passam unicamente pelo conhecimento teórico e pela técnica, a habilidade para por em prática uma teoria.

É lógico que a aquisição de uma boa formação teórica que traduza adequadamente o entendimento da psicodinâmica do paciente, bem como o domínio da técnica que permita sua realização, deve ser considerada condição necessária, mas não suficiente, para o exercício das atividades de atendimento no campo da saúde física e mental.

Um paciente, ao escolher alguém para ser seu terapeuta, deposita nele suas esperanças, suas crenças e sua confiança, entregando-lhe o que tem de mais valioso, isto é, aquilo que ocorre em seu íntimo. Seus pensamentos, convicções e sofrimentos.

Na condição de sujeito do suposto saber outorgada pelo paciente, o terapeuta, ao assumir o compromisso de cuidar de alguém, deve estar ciente da sua imensa responsabilidade, cuidando para que não se confirmem no espaço terapêutico as experiências que levaram à formação das defesas do indivíduo, especialmente aquelas que ocorreram no início de sua vida.

Neste sentido, o processo transferencial, sobre o qual a clínica psicanalítica se apóia, oferece uma excelente oportunidade para que o terapeuta promova uma aliança com seu paciente, propiciando a criação de um vínculo afetivo entre ambos, que vai permitir que este possa explorar seu mundo interno, sentindo-se acolhido, protegido e cuidado.

Em seu livro “Uma Base Segura – Aplicações Clínicas da Teoria de Apego”, John Bowlby relaciona uma série de cuidados que o terapeuta deve observar tendo em vista oferecer as condições através das quais o paciente pode explorar seus conteúdos psíquicos, com a finalidade de reavaliá-los, dando-lhes outro sentido, à luz de uma nova compreensão de si mesmo, ou seja:

- Oferecer ao paciente uma base segura, a partir da qual ele possa explorar os diversos aspectos de sua vida passada, principalmente aqueles que, por terem sido traumáticos, foram objetos do recalque, isto é, afastados da consciência.

- *Assisti-lo em suas investigações, incentivando-o a considerar as formas pelas quais ele se relaciona com figuras significativas de sua vida, suas expectativas a respeito de seus sentimentos e comportamento dos outros, bem como os significados inconscientes que podem estar subjacentes em sua atuação no mundo, quando escolhe pessoas com as quais deseja estabelecer relações íntimas e quando cria situações que podem redundar em malefícios para ele.*

- *Encorajar o paciente a examinar a relação que se estabelece entre ele e o terapeuta, dando margem para que o mesmo possa trazer a boca da cena aquelas percepções, construções e expectativas dirigidas às figuras arcaicas, conscientizando-se de como se comporta ou tende a se comportar diante delas ou de suas representações, segundo o modelo funcional de si próprio e de suas figuras de apego.*

- *Incentivar o indivíduo a considerar como as suas percepções, expectativas, sentimentos e ações atuais pode ser o produto de eventos e situações excessivas, inomináveis, que ele vivenciou durante sua infância, especialmente na relação que ao longo de sua vida foi se estabelecendo com seus pais.*

- *Capacitar seu cliente a reconhecer que as imagens a respeito de si próprio e dos outros, derivadas de experiências aflitivas vivenciadas no passado, podem ou não ser apropriadas para seu presente ou seu futuro ou, na verdade, podem nunca ter sido justificadas.*

Talvez possamos sintetizar o que acima foi dito, tomando emprestadas as palavras do psicanalista Hélio Pelegrino, que nos brindou com o pensamento a seguir, onde expressa seu entendimento sobre o significado da palavra atendimento clínico:

“Quando você resolve tratar, cuidar de uma pessoa, já tomou o partido dela, ou seja, daquilo que você acha que seja sua saúde. Não existe neutralidade nem distanciamento, o que existe é discriminação, silêncio, um silêncio que significa consentimento. Consentimento com a existência da pessoa, e isso é uma posição de amor. A pessoa adocece por carência de verdadeiras relações pessoais. Se você lhe der impessoalidade e neutralidade, dará exatamente o que lhe causou a doença. A tarefa da psicanálise é a da construção do encontro, e não há encontro que seja impessoal; impessoal é o desencontro”.

No mais, sigamos o curso do rio.

Rio de Janeiro, maio de 2009

Murillo Penna Firme

Notas

1 - Uma Base Segura - Aplicações Clínicas da Teoria de Apego de John Bowlby.

(*) O autor é terapeuta holístico, ex-membro da Comissão de Formação Permanente do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Certificado como hipnoterapeuta pelo Instituto de Neurolinguística Aplicada - INAP. Certificado como Acupunturista e Shiatsu-terapeuta pela Academia Brasileira de Artes e Ciências Orientais – ABACO. Certificado em Reflexologia pelo SENAC. Iniciado em Reik pelo Healing Arts Institut. Editor do site Saúde Virtual.